



Confronto na Ucrânia eleva o valor do combustível a até US\$ 139, perto do recorde histórico de 2008. Enquanto isso, o governo brasileiro discute subsídios diversos para evitar reajuste

PREÇO DO PETRÓLEO DISPARA E BOLSÓNARO QUER EVITAR REPASSE

MICHELLE PORTELA E DEBORAH HANA CARDOSO

Brasília — Os efeitos econômicos da guerra entre Ucrânia e Rússia se agravaram com as novas máximas no preço da comercialização do petróleo registradas desde a crise financeira de 2008. A semana começou com o barril do petróleo do tipo Brent, referência global de cotação, em alta. Chegou a US\$ 139,13 na máxima intradiária, perto do recorde histórico de US\$ 147,50, em julho daquele ano, e recuou para US\$ 123 no fechamento do dia. A Rússia — terceiro maior produtor e segundo maior exportador de petróleo do mundo — adverte para “consequências catastróficas” na hipótese de um embargo ocidental ao petróleo russo, que EUA e União Europeia estudam como repressão à intervenção na Ucrânia. O presidente Jair Bolsonaro disse que o governo estuda medidas para evitar que as altas frequentes do petróleo sejam repassadas ao consumidor. Segundo ele, os ministérios da Economia e de Minas e Energia e a Petrobras discutem um possível programa de subsídios aos combustíveis por três meses para compensar a alta do produto. O governo propõe estipular valor fixo de referência para a cotação dos combustíveis e subsidiar a diferença entre esse valor e a cotação internacional do petróleo.

“Aparece a questão do petróleo. É grave, mas dá para resolver, no meu entender. Estamos tomando medidas porque é algo anormal. O barril do petróleo saiu da casa dos 80 [dólares] para 120 dólares”, disse Jair Bolsonaro em entrevista à Rádio Folha de Itoraima. Depois de anunciar a intenção de criar programa de subsídios, o presidente criticou o preço de paridade de importação (PII) da Petrobras: “Agora, tem uma legislação errada feita lá atrás [em 2016, durante o governo Michel Temer] com a estatal sob o comando de Pedro Parente], em que você tem uma paridade do preço internacional. Ou seja, o que é tirado do petróleo leva-se em conta o preço fora do Brasil. Isso não pode continuar acontecendo. Estamos vendendo isso aí, sem ter nenhum sobressalto no mercado”, afirmou.

O último reajuste nas bombas foi feito no meio de janeiro, quando o valor do barril negociado no mundo era



Tem uma legislação errada feita lá atrás [governo Temer], de paridade do preço internacional, ou seja, o que é tirado do petróleo leva-se em conta o preço fora do Brasil. Estamos vendo isso aí, sem ter nenhum sobressalto no mercado”

Jair Bolsonaro, presidente da República

de US\$ 82,64 — 32% menor que o atual. Com a alta da cotação internacional, executivos da Petrobras deverão buscar esta semana a aprovação do governo para aumentar os preços dos combustíveis em suas refinarias no Brasil, com a votação dos projetos de lei que regulamentam o setor. Os aumentos de preços são sensíveis no Brasil por causa da taxa de inflação de dois dígitos em 12 meses no país e diante das eleições em outubro.

A crise afeta diretamente o Brasil. O boletim Focus, do BC, apontou que a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) nacional para 2022 ficou em 0,42%. Já para 2023, o prognóstico do PIB apresentou variação de 1,50%. Com isso, a estimativa de inflação deste ano (IPCA) ficou em 5,6%. Já para 2023, a taxa registrou 3,51%. A taxa Selic em 2022 ficou em 12,25%, e, para 2023, em 8,25%. A previsão para a taxa de câmbio em 2022 ficou em R\$ 5,40.

Para 2023, R\$ 5,30. Já a previsão de saldo da balança comercial no ano corrente ficou em US\$ 64 bilhões, e para 2023, US\$ 51,30 bilhões.

MERCADO INTERNACIONAL

O preço do barril no mercado internacional atingiu ontem o maior patamar dos últimos 13 anos e pode fechar o ano a US\$ 185, de acordo com nota do JP Morgan Chase, de Nova York, caso o fornecimento russo fique interrompido no mercado global. Após a máxima de quase US\$ 140 por barril, em meio a temores em relação às sanções contra a Rússia, o preço recuou em meio às negociações comerciais dos países líderes. O contrato do petróleo Brent para maio, a referência global da commodity, moderou os ganhos e fechou em alta de 4,31%, a US\$ 123,21 por barril, na ICE, em Londres, no Reino Unido. Já a

WTI para abril subiu 3,21%, a US\$ 119,40 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York, nos Estados Unidos.

A prevalência da alta do petróleo afetou a Bolsa de Valores de São Paulo. A B3 fechou em forte queda, em sessão mais uma vez paralisada por temores globais de estagnação decorrentes do conflito na Ucrânia. O Ibovespa recuou 2,52%, a 111.593 pontos. Em destaque, as ações da Petrobras fecharam em queda de 7%. Assim, o Ibovespa fechou em baixa de 2,52%, aos 111.593 pontos, com R\$ 30,56 bilhões em volume negociado. O saldo do mês passou a ser de queda de 1,57%, enquanto o performance do índice desde o início do ano ainda é de alta de 4,6%. As falas do presidente Jair Bolsonaro (PL), no meio do dia, pioraram o clima.

De acordo com o professor de Finanças Carlos Heitor, do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD/UFRJ), o comportamento das bolsas deverá acompanhar as negociações sobre novos acordos de comercialização do petróleo. “Fatalmente o petróleo da Rússia vai sair do mercado e gerar uma pressão muito alta por novos fornecedores, em função das sanções comerciais impostas à Rússia, que deverão ter resposta. Mas precisamos considerar que todas as expectativas estão no preço”, explica. Atualmente, os EUA negociam com dois países “inimigos”, a Venezuela, na América do Sul, e o Irã, no Oriente Médio. “A ideia dos EUA é que o mundo tem de resolver a demanda do petróleo. E esses países que possuem petróleo têm o ouro negro nas mãos”, diz.

Para Alexandre Espírito Santo, economista chefe da Orama Investimentos, os países estão começando a perceber os efeitos de uma guerra prolongada, com impactos sobre a inflação global. “Até semana passada havia uma dívida, mas com os desdobramentos desse fim de semana, o humor mudou. Petróleo nesse patamar é complicadíssimo, a gasolina na semana passada, nos EUA, subiu 10%. Por aqui, apesar da possibilidade de chegarmos a um acordo que postergue o repasse da Petrobras, o que só empurra o problema, temos provavelmente altas de alimentos, porque o trigo e fertilizantes vão bater forte e provocar contágio sobre vários outros preços”, explica. (Com agências)

Moscou diz que embargo terá consequências ‘catastróficas’

Brasília — A Rússia advertiu ontem para “consequências catastróficas” se houver embargo ocidental ao petróleo russo. “É bastante óbvio que a negativa de comprar petróleo russo terá consequências catastróficas para o mercado mundial”, disse o vice-primeiro-ministro russo de Energia, Alexander Novak. “O aumento do preço poderia ser imprevisível e alcançar mais de 300 dólares o barril ou mais”, disse citado por agências de notícias russas. Segundo Novak, é impossível substituir rapidamente o petróleo russo no mercado europeu por outra fonte alternativa. “Levará vários anos e será muito mais caro para os consumidores europeus que serão as principais vítimas desastrosas”, advertiu.

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, afirmou que o país e parceiros europeus estão discutindo a possibilidade de bloquear as importações

de petróleo russo em resposta à invasão à Ucrânia. “Estamos conversando com nossos parceiros e aliados europeus para analisar de maneira coordenada a perspectiva de proibir a importação de petróleo russo, garantindo ao mesmo tempo que ainda haja um suprimento adequado de petróleo nos mercados mundiais. Essa é uma discussão muito ativa enquanto falamos”, afirmou Blinken em entrevista à CNN.

As declarações de Novak ocorrem enquanto Estados Unidos e UE discutem a imposição de sanções sobre o gás russo também, em represália à intervenção militar na Ucrânia, no âmbito de uma série de duras sanções econômicas contra Moscou nos últimos dias.

Por outro lado, as importações de energia fóssil procedentes da Rússia são “essenciais” para a “vida diária dos cidadãos” na Europa e o abastecimento do



Olaf Scholz, primeiro-ministro alemão, afirma que a Europa depende de combustíveis fósseis da Rússia

petróleo e carvão e o governo está trabalhando com seus parceiros na UE e não apenas da UE para encontrar alternativas à energia russa”, acrescentou Scholz.

CONSUMO DE GÁS A UE importa 40% do gás que consome da Rússia e alguns países não são a favor de ficar sem ele, mesmo que o objetivo seja priorizar a Rússia de seus recursos energéticos. Vários ministros do governo alemão se manifestaram contra essas medidas contra o gás russo. “Temos que ser capazes de manter as sanções ao longo do tempo”, disse o ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Annalena Baerbock, à rede ARD no domingo. “Não adianta se em três semanas descobrirmos que o tempo de entrega para alguns dias na Alemanha e essas sanções precisarem ser repensadas”, disse.

O primeiro-ministro holandês, Mark Rutte, expressou-se na mesma linha durante uma visita a Londres, reconhecendo que “a dolorosa realidade é que ainda somos muito dependentes do petróleo e do gás russo”. Seu homólogo britânico, Boris Johnson, disse por sua vez que “temos que agir passo a passo”. “Temos que garantir que tenhamos um suprimento de substituição”, disse Johnson em entrevista coletiva com Mark Rutte. De acordo com uma pesquisa publicada nessa segunda-feira pelo jornal Handelsblatt, a maioria dos alemães apoia esta sanção drástica, já que 54% dos entrevistados dizem ser a favor

continente não pode ser garantido de outra maneira no momento, afirmou o chanceler alemão, Olaf Scholz. “O abastecimento de energia na Europa para a produção de calor, mobilidade, energia elétrica e indústria não pode ser garantido de outra forma neste momento”, afirmou o chefe de governo da Alemanha.

A Europa decidiu “deliberadamente” deixar as entregas de energia da Rússia fora das sanções porque a medida desestabilizaria os mercados e teria um forte impacto nas economias europeias. A Alemanha é um dos países da União Europeia que são particularmente dependentes das importações russas de gás.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Página:** 3